

LIÇÃO 7 - Como o Primeiro Motor Causa o Movimento

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 7: 1072a 26-1072b 14

“ 1067. Ora, o primeiro motor causa movimento como algo inteligível e algo apetecível; pois apenas estes causam movimento sem serem movidos. E o que é primeiro na classe do apetecível e na do inteligível é o mesmo; pois é o bem aparente que é o objeto do apetite concupiscível, e o bem real que é o objeto primário da vontade. Pois desejamos uma coisa porque ela parece boa, em vez de considerá-la boa porque a desejamos; pois o entendimento é o princípio do desejo. E o intelecto é movido por um objeto inteligível.

1068. E uma das duas colunas de opostos (60) é o inteligível em si mesmo; e nesta classe, a substância primária é a primeira, e na substância, aquilo que é simples e existe em ato. No entanto, uno e simples não são o mesmo; pois uno significa uma medida (432; 825), e simples significa um estado.

1069. Mas aquilo que é bom e aquilo que é desejável em si mesmo estão na mesma coluna de opostos; e o que é primeiro em cada classe é sempre o melhor, ou análogo ao melhor. Que a causa final pertence à classe das coisas imóveis é mostrado por um processo de divisão; pois a causa final de uma coisa é ou aquilo que existe ou aquilo que não existe.

1070. E ela causa movimento como algo amado, enquanto por aquilo que é [primeiramente] movido, outras coisas são movidas. Portanto, se uma coisa é movida, é possível que ela seja diferente do que é. Por conseguinte, o movimento local, que é o tipo primário de movimento, é também a atualidade daquilo que é [primeiramente] movido; e a este respeito, a coisa primeiramente movida pode diferir no lugar, embora não na substância. Mas, uma vez que existe algo que move, mas é em si mesmo imóvel e existe em ato, isso não pode de modo algum ser diferente do que é. Pois o tipo primário de mudança é o movimento local, e do movimento local, o primeiro é o movimento circular; e este é o movimento que o primeiro motor causa. Portanto, o primeiro motor existe necessariamente; e na medida em que é necessário, é bom, e assim é um princípio. Pois "necessário" tem todos estes significados: aquilo que parece ser feito por força; aquilo sem o qual algo não vai bem; e aquilo que não pode ser

diferente do que é, mas é absolutamente necessário (416-22). É de tal princípio, então, que dependem os céus e o mundo natural.

COMENTÁRIO

299. Após ter mostrado que existe uma substância eterna, imaterial e imóvel cuja essência é a atualidade, o Filósofo agora procede a investigar os atributos desta substância. Ao tratar disso, ele faz três coisas. Primeiro (1061:C 2519), considera a perfeição desta substância. Segundo (1078:C 2553), pergunta se ela é uma ou múltipla ("Não devemos"). Terceiro (1089:C 2600), considera sua operação ("As coisas que pertencem").

Em relação ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, mostra a perfeição desta substância. Segundo (1076:C 2548), prova que ela é incorpórea ("E foi mostrado").

Em relação ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, mostra sua perfeição. Segundo (1075:C 2545), rejeita uma opinião contrária ("E todos aqueles").

Em relação ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, explica como o motor imóvel causa movimento; e segundo (1068:C 2523), infere disso o que está compreendido em sua perfeição ("E uma das duas").

Ele diz, portanto, primeiro (1067), que, uma vez que foi mostrado que o primeiro motor é imóvel, ele deve causar movimento da maneira como o desejável e o inteligível o fazem; pois apenas estes, o desejável e o inteligível, constata-se que causam movimento sem serem movidos.

2520. Ele prova isso da seguinte forma. O movimento é duplo: natural e voluntário, ou segundo o apetite. Ora, aquilo que causa movimento por meio do movimento natural necessariamente sofre movimento, uma vez que um motor natural é aquele que gera e altera as coisas. Pois tanto os corpos pesados quanto os leves são movidos localmente diretamente por seu gerador. Mas aquilo que gera e altera as coisas diretamente deve existir em estados diferentes. Por isso, também foi apontado acima (1065:C 2510) que a causa da geração e da corrupção age de maneiras diferentes. Ora, no caso do movimento voluntário e apetitivo, a vontade e o apetite têm o caráter de motores movidos, como é evidente no Livro III de *Da Alma*. Portanto, resta que apenas aquilo que causa movimento como algo apetecível é um motor imóvel.

2521. Diz-se agora que o primeiro motor causa movimento como algo apetecível porque o movimento dos céus tem este motor como seu fim ou objetivo, pois este movimento é causado por algum motor próximo que se move por causa do primeiro motor imóvel, a fim de que seja assimilado em sua causalidade ao primeiro motor e traga à atualidade tudo o que está virtualmente contido nele. Pois o movimento dos céus não tem a geração e a destruição dos corpos inferiores como seu fim, uma vez que um fim ou objetivo é mais nobre do que as coisas ordenadas a ele. Portanto, o primeiro motor causa movimento como algo apetecível.

2522. Mas, em nosso próprio caso, aquilo que causa movimento como um bem desejável difere daquilo que causa movimento como um bem inteligível, embora cada um cause movimento como

um motor imóvel. Isto é particularmente evidente no caso de uma pessoa incontinente; pois, de acordo com sua razão, ela é movida por um bem inteligível, mas, de acordo com sua potência concupiscível, é movida por algo prazeroso aos sentidos, que, embora pareça ser bom, não é bom absolutamente, mas apenas com alguma qualificação. — No entanto, este tipo de diferença não pode ser encontrado no primeiro inteligível e no primeiro bem desejável. Mas o primeiro inteligível e o primeiro bem desejável devem ser o mesmo. A razão é que um bem concupiscível, que não é um bem inteligível, é meramente um bem aparente; mas o primeiro bem "deve ser um objeto da vontade", i.e., um objeto desejado pelo apetite intelectual. Pois a vontade pertence à ordem intelectual e não meramente à do apetite concupiscível. E isto é assim porque o que é desejado pela potência concupiscível parece ser bom porque é desejado; pois a concupiscência perverte o julgamento da razão na medida em que algo prazeroso ao sentido parece ser bom para a razão. Mas o que é desejado pelo apetite intelectual é desejado porque parece ser bom em si mesmo. Pois o "entendimento" como tal, i.e., o ato de inteligência, que é movido de certa forma por um objeto inteligível, "é o princípio do desejo". Portanto, é evidente que o objeto do apetite concupiscível é bom apenas quando é desejado através de um ditame da razão. Por isso, não pode ser o primeiro bem, mas apenas aquilo que, porque é bom, move o desejo e é ao mesmo tempo apetecível e inteligível.

2523. **E uma das duas** (1068). Ele diz, portanto, que uma das duas colunas de opostos é o inteligível em si mesmo; e nesta classe, a substância primária é a primeira, e na substância, aquilo que é simples e existe em ato. No entanto, uno e simples não são o mesmo; pois uno significa uma medida (432; 825), e simples significa um estado.

2524. Ele prova isso da seguinte forma. Entre os opostos, uma coluna é privativa, como o mal, e a outra é positiva, como o bem. Mas o inteligível em si mesmo está na coluna positiva, porque o inteligível é o que é mais perfeito. Portanto, na classe dos inteligíveis, o primeiro é a substância, porque ela é o que é mais inteligível, como foi dito no Livro II. E na classe das substâncias, a primeira é a substância simples que existe em ato, que é a substância imaterial, porque a matéria é a causa da potencialidade e da composição. E, portanto, conclui-se que o primeiro motor imóvel é uma substância que existe em ato e é simples. E deve-se notar que ele disse que o primeiro motor é simples, e não uno. Pois uno e simples diferem; pois uno implica a noção de medida, mas simples implica um estado de não ser composto. E porque o primeiro motor é simples e o que há de mais simples é uno, ele será, portanto, uno.

2525. Em seguida, ele mostra o que está compreendido na perfeição do primeiro motor. E diz que "aquilo que é bom e aquilo que é desejável em si mesmo estão na mesma coluna de opostos" (1069). Pois, como foi dito, o bem está na coluna positiva. Portanto, o que é primeiro em cada classe, tanto no ser quanto no conhecimento, é sempre o melhor, ou análogo ao melhor. E é assim que a causa final pertence à classe das coisas imóveis, como pode ser visto por um processo de divisão. Pois a causa final é ou o fim que é realmente existente, como uma casa, que é o fim da construção, ou o fim que é intencionado, mas não tem existência real, como o centro do mundo, que é o fim do movimento dos corpos pesados, e não tem existência real a não ser na intenção. Mas, de qualquer forma, a causa final não é imóvel, mas é aquilo pelo qual o movimento é causado, e não algo que é movido. Portanto, é evidente que a causa final é algo imóvel. Assim, o primeiro motor imóvel, que é o fim último, é imóvel.

2526. E ele prova isso novamente pelo fato de que "ela causa movimento como algo amado" (1070), ou seja, como o fim que é amado e desejado, e não como algo que é movido. Pois o amado move o amante, mas não é movido por ele. Portanto, o primeiro motor é como o amado. E porque o primeiro motor é imóvel, ele é o princípio de todo movimento. Pois, como foi dito, o primeiro motor move como o amado, e o primeiro movido, que é movido por ele, move todas as outras coisas. Portanto, tudo o que é movido é movido pelo primeiro motor.

2527. Em seguida, ele conclui que, se o primeiro motor é imóvel, ele não pode ser diferente do que é. Pois tudo o que é movido pode ser diferente do que é, porque o movimento é a atualidade do que está em potência. Mas o primeiro motor não está em potência, mas é ato puro. Portanto, ele não pode ser diferente do que é. E isso é especialmente verdadeiro para o primeiro motor, porque o movimento local é o primeiro dos movimentos, e o movimento circular é o primeiro dos movimentos locais. E o primeiro motor causa o movimento circular. Portanto, o primeiro motor é necessário, e, porque é necessário, é bom. E, portanto, é um princípio. Pois o necessário tem três significados: (1) o que é forçado, que é contra a natureza; (2) o que é necessário para um fim, sem o qual algo não pode ser bom; (3) o que é absolutamente necessário e não pode ser diferente do que é. E é neste último sentido que o primeiro motor é necessário. E é de tal princípio que dependem os céus e toda a natureza.

Visto que ele provou que o primeiro motor é tanto inteligível quanto apetecível, resta agora mostrar a partir disso como a perfeição se encontra no primeiro motor. A respeito disso, ele faz três coisas. Primeiro (1068:C 2523), mostra a perfeição do primeiro motor em si mesmo, considerando o caráter formal do inteligível e do apetecível; segundo (1070:C 2529), em relação ao primeiro orbe ("E causa movimento"); e terceiro (107:C 2536), em relação à coisa que deseja e o entende ("E seu curso de vida").

Ao tratar da primeira parte, ele faz duas coisas. Primeiro, prova que o primeiro motor é perfeito com base no fato de ser inteligível; e segundo (106g:C 2526), com base no fato de ser apetecível ("Mas aquilo que é bom").

Ele diz, primeiro (1068), que, assim como os motores e as coisas movidas se relacionam entre si, também se relacionam as coisas inteligíveis. Ele chama esta última relação de coluna inteligível de opostos porque um inteligível é o primeiro princípio para entender outro, assim como um motor é também a causa do movimento de outro.

2524. Portanto, assim como foi mostrado (1066:C 298) a partir da série de motores e coisas movidas que o primeiro motor é uma substância simples e uma atualidade, de maneira semelhante a mesma coisa se mostra verdadeira a partir da série de coisas inteligíveis. Pois é evidente que a substância é a primeira das coisas inteligíveis, porque entendemos os acidentes apenas por meio da substância, através da qual são definidos; e entre as substâncias, uma substância inteligível simples é anterior a uma composta; pois as coisas simples estão incluídas no conceito das coisas compostas. E das entidades simples contidas na classe da substância, as realmente inteligíveis são anteriores às potencialmente inteligíveis; pois a potência é definida por meio do ato. Segue-se, então, que a primeira entidade inteligível é uma substância simples que é uma atualidade.

2525. E para que não parecesse adotar a opinião de Platão, que afirmava que o primeiro princípio das coisas é o uno-em-si inteligível, ele explica a diferença entre ser uno e ser simples. Ele diz que uno e simples não significam a mesma coisa, mas uno significa uma medida, como foi apontado no Livro X (825:C 1950-52), e simples significa o estado pelo qual algo é tal que não é composto de muitas coisas.

2526. Mas aquilo que é bom (1069).

Então ele prova o mesmo ponto a partir do caráter formal do apetecível. Ele diz que aquilo que é bom e aquilo que é desejável em si pertencem à mesma classe. Pois aquilo que é anterior na classe das coisas inteligíveis é também um bem maior na classe das coisas apetecíveis, ou é algo análogo a ele. Ele diz isso porque as coisas inteligíveis são atuais na medida em que existem no intelecto, enquanto as coisas apetecíveis são atuais na medida em que existem na realidade; pois o bem e o mal estão nas coisas, como foi apontado no Livro VI (558:C 1240).

2527. Portanto, assim como o conceito de substância inteligível é anterior ao de acidentes inteligíveis, a mesma relação vale para os bens que correspondem proporcionalmente a esses conceitos. Portanto, o maior bem será uma substância simples, que é uma atualidade, porque é a primeira das coisas inteligíveis. É evidente, então, que o primeiro motor é idêntico ao primeiro inteligível e ao primeiro bem apetecível, que é o maior bem.

2528. Mas como aquilo que é apetecível e aquilo que é bom têm o caráter de um fim ou meta, e não parece haver um fim no reino das coisas imóveis, como foi explicado nas discussões dialéticas no Livro III (192:C 374-75), ele remove essa dificuldade. Ele diz que a divisão na qual os vários sentidos de fim ou meta são distinguidos mostra que uma causa final pode ser encontrada de certo modo no reino das coisas imóveis. Ora, uma coisa pode ser a meta de outra de dois modos: primeiro, como algo que tem existência anterior, assim como o centro do mundo é dito ser uma meta que é anterior ao movimento dos corpos pesados; e nada impede que uma meta desse tipo exista no reino das coisas imóveis. Pois uma coisa pode tender, por seu movimento, a participar em algum grau de algo imóvel; e o primeiro motor pode ser uma meta desse modo. Segundo, uma coisa é dita ser a meta de outra, não como algo que existe atualmente, mas apenas como existente na intenção do agente por cuja atividade é produzida, assim como a saúde é a meta da atividade da arte médica. Um fim ou meta desse tipo não existe no reino das coisas imóveis.

2529. E causa movimento (1070).

Ele agora relaciona o primeiro motor imóvel ao primeiro orbe. Ele diz que, como o primeiro motor imóvel causa movimento como algo amado, deve haver algo que seja primeiramente movido por ele, através do qual ele move outras coisas. Este é o primeiro céu. Portanto, como supomos que o movimento seja eterno, o primeiro orbe deve ser movido eternamente, e por sua vez deve mover outras coisas. E é melhor falar dele como algo amado do que como algo desejado, pois há desejo apenas de algo que ainda não é possuído, mas há amor mesmo de algo que é possuído.

2530. E se deve ser movido eternamente, deve ser incapaz de ser diferente do que é, mas deve permanecer sempre substancialmente o mesmo. Portanto, o tipo primário de movimento, pelo qual “o primeiro orbe” é movido, necessariamente “é o movimento local”, i.e., movimento quanto ao

lugar; porque aquilo que é movido “de acordo com os outros tipos de movimento”, i.e., geração e destruição, aumento e diminuição, e alteração, deve diferir quanto a algo intrínseco, a saber, substância, quantidade ou qualidade. Mas aquilo que é movido com movimento local difere quanto ao lugar, que é extrínseco à coisa no lugar, mas não quanto à substância ou a qualquer disposição intrínseca da substância.

2531. Portanto, como o primeiro orbe difere quanto ao lugar, mas não quanto à substância, o primeiro motor, que é imóvel e sempre atual, não pode de modo algum ser diferente do que é, porque não pode ser movido. Pois se fosse movido, seria movido especialmente com o tipo primário de movimento, que é o movimento local, do qual o primeiro tipo é o circular. Mas não é movido com esse movimento, pois move outras coisas com esse movimento. Pois o primeiro motor não é movido com aquele tipo de movimento pelo qual ele imprime movimento, assim como a primeira causa de alteração não é ela mesma alterada. Portanto, não é movido circularmente, e assim não pode ser movido de modo algum. Portanto, não pode ser diferente do que é; e assim segue-se que o tipo primário de movimento existe naquilo que é movido por necessidade; pois necessário é aquilo que não pode não ser. Mas não é necessário no sentido em que as coisas forçadas são necessárias, mas sua necessidade consiste em seu bom estado. E a coisa que o move é um princípio de movimento como objeto de desejo, ou uma meta.

2532. Que sua necessidade seja tal torna-se evidente a partir dos diferentes significados do termo necessário, pois é usado em três sentidos. Primeiro, significa aquilo que acontece por força, i.e., o que não pode deixar de acontecer devido ao poder exercido pela coisa que aplica a força. Segundo, significa aquilo sem o qual uma coisa não vai bem – seja aquilo sem o qual uma meta não pode ser alcançada de modo algum (como o alimento é necessário para a vida de um animal), seja aquilo sem o qual algo não está em um estado perfeito (como um cavalo é necessário para uma viagem no sentido de que não é fácil fazer uma viagem sem um). Terceiro, significa aquilo que não pode ser diferente do que é, mas é necessário absoluta e essencialmente.

2533. Portanto, quando se diz que um orbe é movido por necessidade, tal necessidade não pode ser chamada de necessidade de força; pois nas coisas imperecíveis não se encontra nada que esteja fora de sua natureza, mas no caso das coisas forçadas, o que ocorre não é natural. Da mesma forma, tal necessidade não pode ser necessidade absoluta, porque a primeira coisa que é movida move a si mesma, como é provado no Livro VIII da *Física*, e o que move a si mesmo tem em si o poder de mover ou não mover. Segue-se, então, que a necessidade do primeiro movimento é necessidade a partir do fim, na medida em que não pode haver uma ordem adequada ao fim a menos que tal movimento exista.

2534. Portanto, é com base neste princípio, ou seja, o primeiro motor visto como fim, que os céus dependem tanto pela eternidade de sua substância quanto pela eternidade de seu movimento. Consequentemente, toda a natureza depende de tal princípio, porque todas as coisas naturais dependem dos céus e do movimento que eles possuem.

2535. Deve-se notar também que Aristóteles diz aqui que a necessidade do primeiro movimento não é necessidade absoluta, mas necessidade a partir do fim, e o fim é o princípio que ele posteriormente chama de Deus, na medida em que as coisas se assimilam a Deus através do movimento. Ora, a assimilação a um ser que quer e entende (como ele mostra ser Deus) está na linha da vontade e do entendimento, assim como as coisas feitas pela arte se assimilam ao artista

na medida em que sua vontade se cumpre nelas. Sendo assim, segue-se que a necessidade do primeiro movimento está totalmente sujeita à vontade de Deus.

Revision #2

Created 19 September 2026 12:37:12 by Admin

Updated 19 September 2026 12:45:22 by Admin